

III | *Imago viva Dei*

Embora o desenvolvimento das faculdades mentais criativas do indivíduo humano ocorra dentro de um processo social, os processos criativos por meio dos quais cada indivíduo pode gerar, transmitir ou assimilar na prática descobertas válidas são processos de geração de conceito, que são, demonstravelmente, totalmente internos a cada indivíduo. Desta forma, os poderes criativos do indivíduo são os seus poderes *soberanos*, nos quais se desenvolva a *centelha divina* do potencial para o raciocínio criador (ver Anexo XIII).

Não é apenas a existência dos poderes criadores que define o homem à imagem do Criador; é o fato de que esta faculdade criadora seja, a cada instante, uma capacidade soberana da pessoa, uma essência soberana do indivíduo, que define individualmente o ser humano como a imagem viva do Criador ou, em latim, *imago viva Dei*.

Assim, toda vida humana é sagrada. Se uma vida humana pode ser ceifada no calor de uma guerra moralmente justificada ou em algum outro combate mortal, nenhum cristão pode jamais acabar com uma vida humana à sua vontade, quando o indivíduo esteja impotente à nossa mercê para viver ou morrer. Caso contrário, pecamos diretamente contra Deus.

A sacralidade da vida humana pode ser, talvez, melhor compreendida se levarmos em conta a importância prática,

para toda a Humanidade, de cada indivíduo que contribua em grau mínimo para o nosso conhecimento científico fundamental.

Dito de forma mais simples, cada aperfeiçoamento no repositório humano de conhecimentos aumenta, implicitamente, a capacidade produtiva potencial e o desenvolvimento moral de cada membro da sociedade como um todo, presente e futuro. A velocidade do progresso humano tende, assim, a aumentar, à medida que aumentamos o número total de pessoas vivas cujas faculdades mentais são desenvolvidas para gerar, transmitir e assimilar os frutos do progresso científico fundamental. Isto é um fato elementarmente demonstrado, que envolve os mais profundos princípios da ciência da prática econômica.

Os malthusianos argumentam que a velocidade de produção de uma sociedade é a velocidade à qual toda a sociedade está exaurindo as matérias-primas e outras pré-condições para a vida humana. Deveria ser óbvio que, se a velocidade do progresso científico for suficientemente elevada, não ocorrerá qualquer esgotamento devido à maior escala de produção e consumo. Assim, sob a condição de que desenvolvamos e empreguemos o potencial criativo de cada novo indivíduo, uma taxa maior de nascimentos aumenta a escala relativa dos recursos naturais - um resultado diametralmente oposto às bem conhecidas, mas anticientíficas afirmativas malthusianas.

Qualquer sociedade que persista indefinidamente na prática do que, hoje, se chama comumente a política de "crescimento tecnológico zero", irá, primeiramente, estagnar e, posteriormente, entrar em colapso e ruína. Embora não seja o seu campo exclusivo, a arqueologia se ocupa basicamente dos restos dolorosos destas culturas inferiores e fracassadas.

As causas mais óbvias que contribuem para tal miserável fracasso são os efeitos inflacionários e outros impactos ruinosos devidos ao esgotamento das matérias-primas e "recursos ambientais" análogos. Também existem outras causas subjacentes mais profundas, que exigem um exame mais profundo. Trataremos inicialmente do caso das matérias-primas.

Em geral, a qualidade relativa de um “minério” é definida em termos dos processos necessários sucessivamente para descobri-lo, extraí-lo e refiná-lo na forma desejada de bem semi-acabado, ou “intermediário”. A consideração predominante em praticamente todos os casos é a quantidade de trabalho necessário para trazer uma ração de consumo da cesta básica per capita deste bem intermediário até o local apropriado, no estado de refino apropriado. O que chamamos “energia” desempenha um papel chave para essa determinação de custo relativo.

O caso dos minérios metálicos ilustra o princípio.

A viabilidade de redução de um minério para produzir lingotes de alta qualidade envolve a temperatura relativa (densidade do fluxo energético) à qual é submetida cada molécula relevante. Por exemplo, indo o mais diretamente possível ao centro da questão, se pudermos colocar um processo de redução em um confinamento magnético adequado (“garrafas magnéticas”) e elevar a temperatura de operação interna até o nível crítico do equivalente em temperatura (densidade de fluxo energético) no qual um elemento como o tungstênio só exista no estado de plasma, qualquer tipo de rocha ou resíduo sólido ou líquido no Universo tornar-se-á uma forma mais ou menos econômica de minério.

Se tivermos energia suficiente disponível, a uma densidade de fluxo energético suficientemente alta, poderemos administrar esta densidade de fluxo energético em processos produtivos e, se o custo da mão-de-obra desta energia e sua aplicação produtiva forem uma fração suficientemente pequena da quantidade média do trabalho produtivo empregado por aquela sociedade, não haverá virtualmente nenhum limite ao suprimento de minérios com teores comerciais. Com a condição de que a quantidade *crescente* de energia, o nível *crescente* de densidades energéticas e os avanços nas tecnologias empregadas estejam avançando de uma forma apropriadamente coordenada, a velocidades adequadas, inexistirá qualquer “limite ao crescimento” no horizonte atual da Humanidade.

Para demonstrar a falácia das objeções óbvias ao que acaba de ser dito, consideremos o seguinte.

Quando tivermos atingido o que geralmente se chama um dispositivo de energia de fusão de “segunda geração”, na faixa de produção dos terawatts, implicitamente, a Humanidade terá escapado das fronteiras do planeta Terra, podendo chegar até a distância do cinturão de asteróides. Analogamente, depois disto, as fontes energéticas seguintes - reações controladas de matéria-antimatéria - deverão ser atingidas por volta do final do próximo século, desde que estejamos determinados a realizar tal façanha. Este passo para cima nos levará aos limites exteriores do nosso Sistema Solar e para tecnologias que nos levem muito além dele ¹.

Estes argumentos destróem as objeções implícitas à nossa observação com respeito à falta de limite das perspectivas de crescimento.

Os limites ao crescimento só aparecem e se impõem se a sociedade for tola. Se uma sociedade for suficientemente estúpida para suprimir o aumento do consumo per capita de energia, ela será esmagada pela sua própria estupidez. Se uma sociedade for tão suicida que determine a paralização dos investimentos intensivos em capital e energia para o progresso científico e tecnológico ou, pior ainda, substitua a industrialização intensiva em capital e energia pelos “serviços” intensivos em mão-de-obra, tal sociedade está implicitamente se condenando ao colapso.

As possibilidades de uma sociedade bem sucedida dependem de duas condições. Primeiramente, a sociedade deve gerar o progresso científico e tecnológico; para isto, a sociedade deve ter desenvolvido em seus membros a disposição e a capacidade para o progresso científico. Em segundo lugar, a sociedade deve adotar políticas que façam o (equivalente físico do) investimento produtivo em progresso científico e tecnológico prevalecer sobre a oposição a tais políticas.

Assim, com certas qualificações, devemos agora falar do “homem, o criador”. As faculdades mentais-criativas, que a Humanidade demonstra por intermédio do emprego de revoluções científicas para aumentar qualitativamente a densidade

populacional potencial de nossa espécie, constituem a referência geral. Esta generalidade mostra que a Humanidade espelha o Criador. Assim, o homem é projetado para se tornar o “pequeno criador”, a pequena imagem especular do Criador universal. Chamamos o primeiro, o “pequeno criador”, de “Mínimo”; ao universal, ao Criador, chamamos de “Máximo”.

Entre todas as espécies, não somente é esse poder criador unicamente característico da Humanidade; este poder criador está localizado na personalidade humana individual como um potencial *soberano* nela contido. Assim, em virtude de representar esse poder *soberano*, o indivíduo é a *imagem viva do Criador (imago viva Dei)*.

Nos casos freqüentes em que possamos pensar que pessoas particulares falhem em expressar essa imagem viva de Deus em sua conduta, ainda assim, tais pessoas nasceram com o potencial para a razão criadora, mesmo que possam ter abusado ou rejeitado a centelha divina deste potencial dentro de si. Assim, toda vida humana é sagrada.